

Quem deve ler o quê

OTTO LARA RESENDE

"Temos fome de saber de nós". Clarice Lispector

Outro dia me perguntaram o que é que um constituinte deve ter lido. Pois quem chegou ao Congresso sem ter lido o que é supostamente indispensável, para votar a Constituição, não há de ser agora que vai ter tempo e disposição para ler. No fundo, a pergunta repete uma antiga *enquête*, que indaga quais os livros fundamentais para o conhecimento do Brasil. A Brasileira mínima, que todo brasileiro alfabetizado, ou medianamente culto, precisa conhecer.

Parece pergunta de *brazilianist* e, vai-se ver, é mesmo. No caso de estrangeiro, que deseje conhecer o Brasil, será preciso primeiro pôr em dúvida o alcance do conhecimento livresco. O contato com a realidade é indispensável. Ainda agora está no Brasil Claire Varin. Vem pela segunda vez. Ela é canadense francófona, do Québec portanto. Em 1979, Claire teve notícia da existência de Clarice Lispector, através de um curso dado pela francesa Hélène Cixous na Universidade de Montréal.

Apesar de nem sempre exata e até de vir envolvida em certa dose de mistificação, a notícia sobre Clarice levou Claire a ler "A paixão segundo G.H.". Leu em francês e não ficou satisfeita. Gostou do livro, ficou mesmo fissurada. Começava ali uma aliança de Claire e Clarice, que passariam a um convívio fraterno, ainda que assinalado pela separação física. E separação definitiva, porque Clarice já tinha morrido. Do conhecimento da tradução francesa de Clarice, Claire passou à urgência de aprender português. Mais do que português: de aprender brasileiro.

Brasileiro vai aqui num sentido mais do que lingüístico — cultural. Porque na verdade Claire sentiu necessidade de conhecer o Brasil. Como já sabia o espanhol, não lhe foi difícil chegar ao português. Por melhor que tivesse aprendido a língua, e aprendeu muito bem, não lhe bastava o conhecimento do texto clariciano. Ela queria viver, queria vivenciar a experiência pessoal da Autora. Com uma bolsa de estudos, Claire veio para o Brasil e aqui, no Rio e em São Paulo, viveu 16 meses. Viveu no ambiente em que viveu Clarice. Pesquisou e estudou muito. Com os seus olhos azuis, de um azul entre profundo e infantil, Claire viu o mar que Clarice via. Viu as pessoas. As coisas. A realidade.

Só assim, impregnada até

os ossos do clima, da verdade clariciano, conhecendo tudo sobre a vida e a obra da escritora, tendo na verdade passado por uma experiência mística, só assim Claire Varin se sentiu capaz de escrever a sua tese de doutorado — "Clarice Lispector et l'esprit des langues". Tive o privilégio de ler a tese e posso dar testemunho do que foi a passagem de Claire pelo Brasil. De sua infatigável aplicação. De sua obsessiva e minudente determinação de penetrar até o âmago, até o mais obscuro escaninho do universo clariciano.

Claro que não se vai pedir a todo estrangeiro interessado no Brasil que conheça nossa realidade com o empenho, o amor e a competência com que Claire se entregou à descoberta de Clarice. Sirva, porém, o exemplo não apenas para registrar e louvar o trabalho meritório de uma *scholar*, mas também para ilustrar a tese de que nos livros não está a verdade. Ou toda a verdade. O conhecimento livresco leva à erudição, que é um luxo — e muitas vezes inútil. A sabedoria tem mais a ver com o camoniano saber de experiência feito. E até com o recado genético. Ou com os dons do Espírito Santo. Como dizia aquela velha parteira de Minas, livro nunca pariu. Não é nos livros que se aprende a partear.

Com esta digressão clariciano, lá se foi o inquérito sobre os livros essenciais ao conhecimento do Brasil. Não atinei com a resposta e confessei a minha incapacidade. Há livros óbvios, que não se podem ignorar. Os estudos sobre o Brasil avançaram bastante nestas últimas décadas. A relação dos livros indispensáveis cresceu. Continua crescendo, porque não se pode pôr de lado o que é atual, a realidade presente. Apertado pelo interlocutor, acabei indicando um livro, um só, que a meu ver um parlamentar deve ter lido, ou tratar logo de ler — é "Um estadista do Império", de Joaquim Nabuco. Milton Temer, jornalista e deputado estadual, me perguntou se eu incluiria na minha relação, "Viva o povo brasileiro", de João Ubaldo Ribeiro. Incluiria, sim. Ninguém, muito menos eu, vai julgar o desempenho de um constituinte por suas leituras. Mas se tiver lido também Clarice Lispector, Claire Varin e eu aplaudimos. *Tant mieux.*